

# **HISTÓRIA DA ARTE** **DESCOLONIAL** UMA INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

EXIBIÇÃO

AMOSTRA

Carolin Overhoff Ferreira

# HISTÓRIA DA ARTE DESCOLONIAL

UMA INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

70

Rio de Janeiro, 2025

## História da arte descolonial

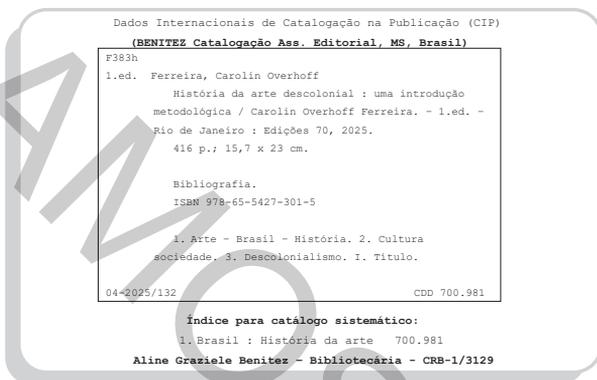
Copyright © 2025 Edições 70

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Carolin Overhoff Ferreira.

ISBN: 978-65-5427-301-5

Impresso no Brasil – 2ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Aceso o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

## Grupo Editorial Alta Books

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Marco Pace

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Produtora Editorial:** Andreza Moraes

**Revisão:** Casa de Ideias; Carol Colfield

**Diagramação:** IO Design

**Imagem da capa:** Célia Tupinambá, Manto Tupinambá, Bienal de Veneza, 2024.

(Fotografia: Carolin Overhoff Ferreira)

**Capa:** Rita Motta

*Para o meu filho, Cauã.*

AMOSTRA

AMOSTRA

# AGRADECIMENTOS

Este livro é o resultado de trinta anos de ensino e pesquisa. Ele se dirige a uma nova geração de estudantes para a qual eu gostaria de disponibilizar tudo o que aprendi ao longo destes anos. O livro visa incentivar essa geração a pensar e trilhar caminhos descoloniais na disciplina História da Arte, bem como em outras disciplinas que se dedicam ao estudo das artes, conforme a separação habitual no mundo ocidental (artes cênicas, artes plásticas, cinema, audiovisual, animação, música etc.). As trocas em sala de aula com os meus alunos e minhas alunas tiveram uma grande influência nos meus estudos. Estou profundamente grata pela partilha com a qual aprendi muito e que me enriqueceu. Minhas passagens por congressos, as participações em bancas, em projetos, mesas redondas e outros eventos acadêmicos e artísticos me deram também oportunidades de conversar, discutir e aprender. Sou grata a todos(as) os(as) colegas por tudo que me ensinaram.

Este texto está baseado no meu livro *Introdução brasileira à teoria, história e crítica das artes*, publicado pela Edições 70, em 2019, cuja revisão e ampliação saiu primeiro em alemão com o título *Dekoloniale Kunstgeschichte: eine methodische Einführung (História da arte descolonial: Uma introdução metodológica)* pela editora Der Kunstverlag, em 2022, e agora em português. Em razão deste percurso, o presente livro adapta o mesmo título, *História da arte descolonial: uma introdução metodológica*. Agradeço ao meu editor Marco Pace, da Almedina Brasil, por tornar esta publicação possível.

AMOSTRA

# SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	vii
<i>Índice de Figuras</i>	xiii
<i>Introdução</i>	xxi
▶ <b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>O QUE É DESCOLONIZAR E QUAL É A SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO DA ARTE?</b>	<b>1</b>
Sobre a gênese do conceito do descolonial	2
Das definições contemporâneas de descolonialidade e dos seus autores	4
Sobre a luta contra a violência colonial e seus símbolos nos estados nacionais de hoje	10
Do som das palavras indígenas, do <i>logos</i> cristão, e da suposta e real universalidade	16
Resistência à destruição de projetos históricos, irracionalidade ocidental e patrimônio cultural colonialista	23
Breve conclusão	33
▶ <b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>POR QUE ESTUDAMOS ARTE E POR QUE A PRODUZIMOS?</b>	<b>37</b>
Do ser histórico e do ser a-histórico	37
Do perspectivismo e antropocentrismo, das teorias da imagem e dos sistemas simbólicos	48
Da ciência eurocêntrica e da abstração universal	55
Do conceito arte	61
	<b>ix</b>

Da vontade de conectar, saber, comunicar, achatar e registrar	66
De imagens, textos e códigos tecnológicos	73
Breve conclusão	82

► CAPÍTULO 3

**COMO A ARTE SE RELACIONA COM OS OUTROS SABERES E QUAL É SEU POTENCIAL? 85**

Da formação do saber histórico	86
Do visível e do dizível	101
Breve conclusão	109

► CAPÍTULO 4

**COMO A FILOSOFIA E A TEOLOGIA SE RELACIONARAM COM A ARTE? 113**

Do poder da arte na filosofia e na teologia	114
Do iconoclasmo	125
Da opressão da arte pela estética e o mercado da arte	129
Do potencial emancipatório da arte	143
Breve conclusão	149

► CAPÍTULO 5

**QUAL É A RELAÇÃO ENTRE OS MODELOS DE HISTÓRIA, AS ARTES E SEUS ESTUDOS? 153**

Dos modelos de história na história como disciplina	156
Dos modelos de história nas artes e seu questionamento	158
<i>Da dramaturgia contemporânea e do teatro</i>	159
<i>Do cinema contemporâneo</i>	166
<i>Da arte contemporânea</i>	169
Dos modelos de história nos estudos das artes	176
<i>Dos modelos de história na história da arte</i>	177

<i>Dos modelos de história nos estudos de cinema</i>	188
<i>Dos modelos de história nas artes cênicas ou nos estudos de teatro</i>	193
Breve conclusão	200
<b>▶ CAPÍTULO 6</b>	
<b>O QUE É CRÍTICA DA ARTE?</b>	<b>203</b>
Das origens da crítica	205
Das metodologias da crítica	210
<i>Das primeiras abordagens pantológicas e biográficas</i>	211
<i>Dos tratados</i>	222
<i>Da crítica na era moderna</i>	236
Breve conclusão	244
<b>▶ CAPÍTULO 7</b>	
<b>COMO A ARTE É ESTUDADA COMO CIÊNCIA?</b>	<b>247</b>
Da ciência: paradigma e indisciplinaridade	248
Do paradigma único da história da arte	259
<i>Da época e de seu estilo homogêneo</i>	259
<i>Da análise formal comparativa</i>	267
<i>Da pluralidade de estilos, do declínio e da trans-historicidade</i>	274
<i>Do autor e de seu estilo nos estudos de cinema</i>	278
<i>Do questionamento do autor nos estudos literários</i>	281
Da iconografia e da iconologia	285
Da história da arte como ciência cultural	292
Da virada icônica ou pictórica	303
Breve conclusão	308
<b>▶ CAPÍTULO 8</b>	
<b>O QUE É ARTE BRASILEIRA E COMO SE ESTUDA?</b>	<b>313</b>
Da condição colonial do brasil	314
Da periodização da arte brasileira e de seus mitos de origem	318

Da relação da arte brasileira com a Europa, a África, as Américas e a Ásia	324
Da pouca importância das artes no Brasil	339
Dos manuais, da crítica de arte, da história da arte e do papel das exposições	342
Breve conclusão	353
<i>Referências</i>	357

AMOSTRA

# ÍNDICE DE FIGURAS

- ▶ **Figura 1:**  
*Edward Colston*, John Cassidy, 1895. Estátua pichada por ativistas, 2021. MShed, Bristol, Inglaterra.
- ▶ **Figura 2:**  
*Borba Gato*, Júlio Guerra, 1960, Santo Amaro, Brasil. Fotografia da estátua incendiada em julho 2021.
- ▶ **Figura 3:**  
*Na terra sem males*, Jaider Esbell, 2021. Acrílico sobre tela. Acervo Centro George Pompidou, Paris.
- ▶ **Figura 4:**  
*A caverna dos sonhos esquecidos*, Werner Herzog, 2010, filme. Cartaz.
- ▶ **Figura 5:**  
*Estudo de cavalo*, Leonardo da Vinci, 1482. Metalpoint em papel preparado acinzentado. Biblioteca Real, Castelo de Windsor, Inglaterra.
- ▶ **Figura 6:**  
*A caverna dos sonhos esquecidos*, Werner Herzog, 2010, filme. Fotograma de historiadora da arte.
- ▶ **Figura 7:**  
*A caverna dos sonhos esquecidos*, Werner Herzog, 2010, filme. Fotograma da medição da caverna.
- ▶ **Figura 8:**  
*A caverna dos sonhos esquecidos*, Werner Herzog, 2010, filme. Fotograma de pinturas de rinocerontes.
- ▶ **Figura 9:**  
*Mão negativa*, anônimo, 36.000 a.C.-40.000 a.C. Pintura rupestre. Caverna de Chauvet, França.
- ▶ **Figura 10:**  
*Machado de Acheuléen*, 100.000 a.C.-10.000 a.C. Machado cortado ao redor de um fóssil de concha. Museu de Arqueologia e Antropologia, Cambridge, Inglaterra.
- ▶ **Figura 11:**  
*Vênus de Willendorf*, 29.500 a.C. Escultura em pedra calcária; *Vênus de Galgenberg*, 36.000 a.C. Escultura em pedra verde de serpintinito. Museu de História Natural, Viena, Áustria.

▶ **Figura 12:**

*Vênus de Tan-Tan*, Marokko, anônimo, 300.000 a.C. Escultura de seixo de quartzito. Museo de la Evolución Humana, Burgos, Espanha, e *Vênus de Berekhat Ram*, anônimo, 280.000-230.000 a.C. Escultura de seixo de escória. Museu de Israel, Jerusalém.

▶ **Figura 13:**

*Mãos negativas*, anônimo, 7.000 a.C. Pintura à sopro. *Cueva de las manos*, Argentina.

▶ **Figura 14:**

Grafismos para face, Kayapó-Xikrin, anônimo, s.d. Desenhos.

▶ **Figura 15:**

*Gongshi* (Pedra do sábio chinesa), anônima, século XVIII. Pedra calcária cinza e pedestal de madeira. Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA.

▶ **Figura 16:**

*Nimba*, Nalu e Baga, atual Guiné-Bissau, anônimo, s.d. Escultura de madeira.

▶ **Figura 17:**

*Cena de caça*, anônimo, s.d. Pintura rupestre. Tassili n'Ajjer, Argélia.

▶ **Figura 18:**

Hieróglifos egípcios, anônimo, 13.000 a.C. Tumba de Seti, Tebas, Egito. Pintura de parede. The British Museum, Londres, Inglaterra.

▶ **Figura 19:**

*Corregimiento* in *El primer nueva corónica y buen gobierno*, Felipe Guamán Poma de Ayala, 1615. Desenho.

▶ **Figura 20:**

*A caverna dos sonhos esquecidos*, Werner Herzog, 2010, filme. Fotograma de jogo de luzes nas pinturas rupestres.

▶ **Figura 21:**

*As meninas*, Diego Velázquez, 1656. Óleo sobre tela. Museo del Prado, Madri, Espanha.

▶ **Figura 22:**

*A anunciação*, Fra Angélico, 1440-1441. Fresco. Convento de San Marco, Florença, Itália.

▶ **Figura 23:**

*Nkisi nkondi*, anônimo, século 19. Escultura de madeira com pregos. Brooklyn Museum, Nova York, EUA.

▶ **Figura 24:**

*As meninas*, Pablo Picasso, 1957. Óleo sobre tela. Museo Picasso, Barcelona, Espanha.

▶ **Figura 25:**

*Sobreposição As meninas*, Velázquez e Picasso. Montagem de duas pinturas.

- ▶ **Figura 26:**  
*A chave dos sonhos*, René Magritte, 1926. Óleo sobre tela. Coleção privada.
- ▶ **Figura 27:**  
*Antrum platonicum*, Jan Saenredam, 1604. Gravura. The British Museum, Londres, Inglaterra.
- ▶ **Figura 28:**  
*Filosofia e arte cristã*, Daniel Huntington, 1868. Óleo sobre tela. Los Angeles County Museum of Art (Lacma), Los Angeles, EUA.
- ▶ **Figura 29:**  
Hagia Sophia, 537 a.C.-1453. Interior da Mesquita. Istambul, Turquia.
- ▶ **Figura 30:**  
*Rothschild Pentateuch*, 1296. Manuscrito. Getty Museum, Los Angeles, EUA.
- ▶ **Figura 31:**  
*Santa Verônica com o sudário*, Mestre da Verônica, 1420. Óleo sobre madeira. Alte Pinakothek, Munique, Alemanha. *Rei Abgar recebe o mandylion*, anônimo, após 944. Pintura encaústica. Mosteiro de Santa Caterina, Egito.
- ▶ **Figura 32:**  
“Tout est pardonné”, Renald Luzier, 2015. Capa de revista, *Charlie Hebdo*, n. 1.178.
- ▶ **Figura 33:**  
Buda, Bamiyán, Afeganistão, século 6. Estátua de arenito, destruída pelos Taliban em 2001. Fotografias.
- ▶ **Figura 34:**  
*Estátua de Lênin sendo tirada do pedestal em Kharkiv*, Ucrânia. Fotografia.
- ▶ **Figura 35:**  
*Exposição de Ai Weiwei sem danos*, 2014, Exposição no Pérez Art Museum Miami, EUA. Fotografia de Daniel Azoulay.
- ▶ **Figura 36:**  
*Figura Nok*, anônimo, 298. Terracota. Palácio de Santa Cruz de Valladolid, Espanha.
- ▶ **Figura 37:**  
*Dell'Historia Naturale*, Ferrante Imperato, 1599. Gravura em livro.
- ▶ **Figura 38:**  
*O Arquiduque Leopoldo Guilherme em sua galeria em Bruxelas*, David Teniers, 1651. Óleo sobre tela. Museo del Prado, Madri, Espanha.
- ▶ **Figura 39:**  
*Spiral jetty*, Robert Smithson, 1968. Escultura com pedras e mar. Great Salt Lake, EUA.